

**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO RIO**

**GRANDE DO SUL**

**CAMPUS OSÓRIO**

**PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU EM EDUCAÇÃO BÁSICA E PROFISSIONAL**

**O NEGRO E O ACESSO À EDUCAÇÃO**

**ATUALIZAÇÃO DAS CONSCIÊNCIAS**

**EDISON ALTAMIR LIMA**

**Orientação:**

**Prof. Dr. Alexandre Lobo**

**Osório Março, 2025**

**O NEGRO E O ACESSO À EDUCAÇÃO – ATUALIZAÇÃO DAS CONSCIÊNCIAS**  
**BLACK PEOPLE AND ACCESS TO EDUCATION – AWARENESS EVOLUTION**

Edison Altamir Lima

[edisonlimadj@gmail.com](mailto:edisonlimadj@gmail.com)

**Resumo:** A educação desempenha um papel central na construção da identidade negra e pode contribuir positivamente para sua reafirmação, não obstante, pode colaborar para uma efetiva atualização da consciência branca sobre o racismo. Este trabalho analisa a educação e seu potencial de transformação, não apenas para a população negra, mas também para as pessoas brancas, como ferramenta de desconstrução de suas percepções racistas, promovendo práticas antirracistas. A pesquisa desenvolvida neste Trabalho de Conclusão de Curso é do tipo bibliográfica e explora como a atualização da consciência e a compreensão do racismo estrutural são fundamentais para a transformação de atitudes. Também examina o conceito de diversidade como fator de reconstrução. A análise dos dados culmina em uma discussão sobre a importância de práticas educacionais que promovam a atualização da consciência racial de pessoas brancas e fortaleçam a luta antirracista, a partir do que também são discutidos os desafios e potencialidades da Lei 10.639/03 e os reflexos das dinâmicas sociais e históricas no contexto atual. Apresenta uma reflexão crítica sobre o papel da educação na formação da identidade negra e na construção de uma sociedade mais justa, destacando a importância da educação antirracista."

**Palavras-chave:** Educação; Identidade negra; Racismo; Racismo estrutural; Práticas antirracistas.

**Abstract:**

Education plays a central role in the construction of Black identity and can contribute positively to its reaffirmation. Furthermore, it can support the effective updating of white consciousness regarding racism. This work analyzes education and its transformative potential not only for the Black population but also for white individuals, serving as a tool to deconstruct racist perceptions and promote antiracist practices. The research developed in this Final Paper is of a bibliographic nature and explores how raising awareness and understanding structural racism are fundamental for transforming attitudes. It also examines the concept of diversity as a factor in reconstruction. The data analysis culminates in a discussion about the importance of educational practices that promote the updating of racial awareness among white people and strengthen the antiracist struggle. From this perspective, the challenges and potentialities of Law 10.639/03 and the impacts of social and historical dynamics in the current context are also discussed. "It presents a critical reflection on the role of education in the formation of Black identity and in the construction of a fairer society, highlighting the importance of anti-racist education."

**Keywords:** Education; Black identity; Racism; Structural racism; Anti-racist practices.

"A educação não transforma o mundo. A educação muda as pessoas. As pessoas transformam o mundo" – Paulo Freire

## 1. O negro e o acesso à educação

O que me motivou a fazer este trabalho, foi com base em minha experiência pessoal, dado ao fato de que em minha trajetória educacional e acadêmico, ter observado que havia ausência de outros jovens negros, tanto no ensino médio quanto no ensino superior, onde estariam os meus pares; Surgiu um questionamento, quantos jovens negros não puderam acessar, por certo evadiram no meio do caminho, desistiram. E o que os desmotivou?

A proposta inicial deste trabalho era mostrar como os mecanismos de divulgação de conhecimento da instituição chamada Escola, servem para alterar a consciência. Inicialmente a proposta era fazer um estudo a respeito de como os livros didáticos, em especial, os de História, retrataram o negro através dos tempos de forma estereotipada e em condição de subalternidade e inferioridade, com o passar do tempo nos debruçando em pesquisar sobre o assunto, chegamos a uma questão principal; Quando os alunos negros são constantemente retratados como vítimas ou sem voz, sem sua verdadeira história, isto acontece no ambiente escolar, no lugar da transformação de informação, formação da identidade e da construção de uma sociedade mais justa, não é difícil entender como isso pode gerar resultados negativos, dentre tantos o sentimento de desânimo e desconexão com o ambiente escolar, caracterizando-se assim, um tipo de barreira, ao invés desta escola ser uma ferramenta de emancipação, acaba se tornando um lugar de frustração e de desigualdade.

Houve um menino negro, de família simples que quando estava na quinta série reprovou, aquele ano foi um ano de grande angústia para ele, seu irmão foi preso naquele mesmo ano por algo que não cometeu, acreditava plenamente que este foi um dos motivos da baixa do seu rendimento escolar, nada fazia sentido naquela época, sofreu na pele a discriminação em virtude da cor da pele e por ter sido rotulado como um marginal ou coisa desse tipo, perdeu o ano, mas não desistiu de estudar. Havia um desafio a superar, a realidade que ele vivia lhe fazia enxergar na aprendizagem na educação uma luz, participou de atividades culturais na escola, gostava de teatro e canto, fez parte junto a uns colegas de uma peça teatral de sua autoria, que foi apresentada a outras turmas do colégio, o tema era "diga não a violência", gostava de interagir e não ficar estático em aula, era bom de conversa, manifestava ideias criativas e gostava de estar a frente, com isso muitas vezes era escolhido para escrever no quadro o conteúdo a pedido da professora.

Mas veio a adolescência e com ela os conflitos, não se sentia bem-vindo no ambiente escolar, era tratado como um candidato ao fracasso, suas características não foram consideradas importantes, era um tempo em que o professor transmitia o ensino e o aluno precisava memorizar, sem ser levado em conta sua vivência, suas experiências e visão de mundo. Pobre, negro e que não chamava atenção não entendia a linguagem da escola, não era um corpo dócil e por consequência foi convidado a se retirar da escola. Um ano depois se encorajou e falou com a diretora pedindo mais uma chance e retornou a estudar, mas foi proposto que ele estudasse à noite e ele tinha apenas quinze anos, conheceu pessoas mais velhas experientes e logo começou a fumar cigarro pois era moda na época e entre os

adultos se sentia no dever de se comportar como tal, quando viu já estava fora da escola aos dezessete anos de idade e aquilo que já esperavam dele aconteceu, abandonou a escola. Quando tudo parece normal, cuidado! Na verdade, sem perceber o sujeito segue a vida como pode, tudo parece normal, mas não é normal, toda pessoa tem direitos e um destes direitos é a educação, mas como aconteceu com ele acontece com muitos, mas estava motivado pelo desejo de trabalhar e ter mais liberdade, seguiu pelo caminho da sorte e embora sendo um adolescente que só queria ser alguém, era visto pelo seu estereótipo, como um problema; Quais foram os motivos que contribuíram para este desfecho, foi entregue ao mundo cruel, sem chance de explorar os aspectos positivos da sua existência: A escola cumpriu seu papel, alguém deveria se preocupar com estas pessoas, proporcionar o que é de direito, e com isso mantê-lo no ambiente escolar. Foi rotulado como alguém sem futuro, devido sua situação de abandono escolar, seu histórico familiar, o fato de um de seus irmãos que também foi vítima da exclusão e preconceito o qual foi preso por um delito que não cometeu. Para ele seu irmão sempre foi um exemplo, pois tinha uma magnífica habilidade de falar, sabia usar bem as palavras, nas histórias que contava com entusiasmo e muitas vezes era rodeado de amigos que o admiravam, por seu jeito de ser, um influenciador um líder; no entanto esse seu lado não foi considerado como algo de valor ou um potencial, pois o ambiente escolar não proporcionou isso, pelo que não atendia os parâmetros da instituição, da qual não esperava-se outra coisa deles senão um futuro comprometido com a marginalidade. Mas surpreendentemente os anos se passaram e esse seu irmão na busca por vencer os preconceitos e discriminações se reergueu, rompeu as barreiras e hoje ele está contando sua história de superação com a mesma habilidade e clareza, por virtude de sua boa comunicação, tornou-se um palestrante, encontrou na arte de falar o seu motivo de viver, um objetivo a seguir, sendo uma inspiração para muita gente, inclusive a seu irmão. Mais uma vez fica evidenciado que a escola pode ser um lugar de transformação, mas às vezes é um lugar de exclusão e desvalorização. Este jovem negro voltou ao ambiente escolar aos vinte quatro anos, dessa vez com a mesma determinação, concluiu o ensino fundamental, a graduação, e pretende concluir a especialização na área da educação, e através de sua história trazer motivação para outros meninos negros na mesma situação, este jovem da história é o que faz essa apresentação.

Ao pesquisar constatamos o porquê da ausência, e a falta de representatividade do negro nestes espaços, assim como no lugar de fala como diria Dijamila Ribeiro, nos espaços de poder.

“Quem pode falar?”, “O que acontece quando nós falamos?” e “Sobre o que é nos permitido falar?”. Esses questionamentos são fundamentais para que possamos entender lugares de fala. Dentro desse projeto de colonização, quem foram os sujeitos autorizados a falar? O medo imposto por aqueles que construíram as máscaras serve para impor limites aos que foram silenciados? Falar, muitas vezes, implica em receber (RIBEIRO 2017, p. 42)

Sei que esta é uma narrativa pessoal, mas falo a partir do meu lugar de fala, da minha vivência, do saber construído ao longo da minha vida. Falo da experiência de ser uma pessoa negra. Quantos e quantas, ao longo do tempo, deixaram de permanecer na escola por desmotivação ou por falta de perspectivas? Quantos ainda se perguntam se terão forças para recomeçar? Como já mencionamos, é importante lembrar que, historicamente, foi negado ao povo negro o direito à educação. No início, não podiam sequer entrar em uma escola e, quando podiam, apenas os mais afortunados tinham esse privilégio.

Para fundamentar esta análise, recorro às obras de Franz Fanon, em especial *Peles Negras, Máscaras Brancas* e *Os Condenados da Terra*. Em *Peles Negras, Máscaras Brancas* (2008), Fanon discute como o racismo internalizado afeta a subjetividade do negro, provocando um sentimento de inferioridade e despersonalização frente os padrões culturais eurocêntricos. Em *Os Condenados da Terra* (2020), o autor analisa as consequências psicológicas e sociais do colonialismo, e a desumanização sistemática impede a emancipação dos povos colonizados.

A contribuição de Lélia Gonzalez foi fundamental para compreender como o racismo se manifesta na cultura e na linguagem cotidianas, Silvio Almeida e outros foram fundamentais nesta pesquisa.

## 2. Revisão Bibliográfica

A definição da trajetória metodológica se baseou no levantamento bibliográfico sobre o tema escolhido, bem como norteou a seleção e análise dos textos indicados a interpretação e apresentação dos resultados da pesquisa em que os objetivos foram alcançados, no futuro queremos aprofundar mais, especialmente por reconhecemos o quanto ainda podemos explorar o tema, pois foi exatamente o que constatamos ao selecionar os objetivos a serem alcançados e as demais fontes a serem investigadas. Portanto a pesquisa é bibliográfica:

[...] é aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses etc. Utiliza-se de dados ou de categorias teóricas já trabalhados por outros pesquisadores e devidamente registrados. Os textos tornam-se fontes dos temas a serem pesquisados. O pesquisador trabalha a partir das contribuições dos autores dos estudos analíticos constantes dos textos. (SEVERINO, 2007, p.122)

E seu método de realização foi inicialmente um levantamento bibliográfico do tema, e fichamento dos assuntos relevantes, bem como leituras de teóricos que desenvolveram estes temas.

Após a abolição da escravidão, a situação educacional da população negra permaneceu precária. Embora o contexto daquela época não possa ser comparado diretamente ao atual, evitando-se, portanto, o uso das lentes do presente para julgar o passado, é neste período que identificamos o berço das barreiras históricas enfrentadas pelos negros para acessar e permanecer e se inserir na educação, podemos identificar esta exclusão no âmbito educacional, quando a população negra teve seu direito tolhido, além da falta de manutenção e leis que lhes garantisse direitos, foram impedidos de frequentar o ambiente escolar, que aos olhos de alguns parece que não faria diferença naquela época. Neste contexto, além das dificuldades de estabelecer-se em virtude da falta de recursos e posses, não detinham conhecimento ou acesso às informações que contribuíram para sua formação enquanto cidadão, além de desenvolvimento de suas potencialidades e aptidões.

Mas enfim as portas se abriram e com a oportunidade surgiram as barreiras, acessar era um ponto, mas o permanecer constituía-se um desafio para qualquer um, nessas condições, os primeiros que teriam o acesso à educação seriam os escravos livres, do período em que a lei do ventre livre estava em vigor e teoricamente seriam livres..

...a partir de 1835, formas de fiscalização do trabalho das escolas, dos alunos e dos professores, e também a obrigatoriedade de frequência escolar, acompanhada, inclusive, por mecanismos de punição às famílias que descumprissem essa determinação. Essas características legais são fortes indicadores de qual parcela da população a escola pretendia atingir em sua missão civilizadora - a parcela pobre, composta por um significativo número de negros libertos (ALMEIDA E SANCHEZ 2016).

Anos mais tarde com a abolição da escravidão, em 1889, após décadas mediante ações de militantes da causa da população negra, surgem os primeiros grupos do Movimento Negro brasileiro que, eram conhecidos, na época, como Movimento Associativo dos Homens de Cor.

Nos primeiros anos da República, a educação brasileira seguiu os padrões eurocêntricos, que ignoravam ou distorciam as contribuições dos negros à formação da sociedade, a ausência de conteúdos sobre a história africana e afro-brasileira nas escolas refletia uma narrativa que colocava o negro em uma posição de subalternidade. A educação, em vez de ser um instrumento de inclusão, foi usada como um mecanismo de reprodução das desigualdades raciais.

Para o negro, tornou-se um desafio conciliar o trabalho, que era a garantia do sustento, com a educação, não era uma escolha fácil, muitos preferiram trabalhar, deixando para seus filhos a oportunidade de estudar.

Estes por sua vez acessavam os espaços, mas chegavam sem bagagem, como diria Bourdieu (2007), sem o poder simbólico, sem o capital cultural, sem os códigos necessários para que pudessem decifrar a linguagem da escola que contrastava com a sua. A vivência exigida pelo espaço escolar para absorção dos elementos de decifração do conteúdo da educação informal não eram os mesmos que foram aprendidos para a decifração dos elementos que circunscrevem quem veio da senzala. Ou seja, a linguagem da educação era a linguagem do branco, do originário do senhor de engenho..

Ultrapassar a barreira desta longa caminhada só ocorreu por um número insignificante que acessou a educação e até os dias de hoje ainda se vê a defasagem deste expressivo contingente, ausente dos bancos escolares e com o passar dos anos ainda se vê seus reflexos.

O conhecimento e o senso comum transmitidos no ambiente familiar do negro, historicamente, não foram plenamente compatíveis com o saber escolar, mesmo com a ampliação da rede de escolas públicas. Embora compatíveis com o saber escolar, mesmo com a ampliação da rede de escolas públicas. Embora se reconheça que o desenvolvimento social depende do letramento da população e do acesso universal ao conhecimento científico, que deve ser compartilhado e jamais negado a qualquer pessoa, em muitos aspectos, essa exclusão ainda persiste.

Segundo Bourdieu (2007), O que é considerado legítimo no campo educacional não é o saber em si, mas a capacidade de acessar e dominar certos tipos de conhecimentos, os quais, ao serem desvalorizados, se tornam um modo de exclusão e de perpetuação das desigualdades sociais.

Há esse lado da escola que exclui quem não domina sua linguagem, mas, por outro lado, se o foco fosse a democratização dos

mecanismos de decifração dessa linguagem, o processo poderia ser o de inclusão. Há uma grande possibilidade de a educação tornar-se um canal de viabilização neste processo, em metáfora como se fosse um raio de luz e um incentivo a autonomia do aluno neste cenário de aprendizagem em que a escola poderia fazer o aluno um produtor ativo e não um consumidor passivo, a escola é muito mais do que transmitir conteúdo e fixar conceitos mas transformação, de maneira que no seu interior se construa com a participação e protagonismo do próprio aluno, e que se desenvolva na medida em que é visto como um sujeito em desenvolvimento e coautor da sua trajetória a qual o professor o aluno é quem irão pavimentar.

Uma das orientações de Hernandes (2005), trata que para uma educação emancipatória é necessário enxergar tudo em cima desta perspectiva, a qual impede ou melhor impossibilita de ver somente o que está diante dos olhos, mas sim ver além, sendo que o olhar crítico instiga a obter respostas e fundamentos para essa nova perspectiva identificada, levando em conta a simples reflexão de quem é que se beneficia nessa leitura única, e quem são os prejudicados. Afinal de contas, perguntamos: Qual a função da Escola? Levando em conta de que a escola exerce uma função social, pois que a criança é inserida no ambiente complexo de interação social, convivência marcada por conflitos necessários que na medida que se envolvem aprendem a gerenciar as frustrações e conquistas, necessitando inicialmente da articulação mediada pelo professor para a reprodução e a reconstrução crítica do conhecimento e da experiência.

Existe um caráter plural no processo de socialização na escola, pois de um lado ,como dizem os sociólogo,s a socialização que prepara o indivíduo para um mundo do trabalho, e por outro lado, a que prepara o sujeito para o espaço de convivência, para vida pública, em certo sentido lugar de disputa por espaço, conveniência e inconveniência em que a regra é a conduta o *status quo*.

Preferiria dizer que tudo o que ocorre no espaço educacional fosse norteado pela perspectiva do que descreve Freire (1982), simplificada em que por meio da educação, e de maneira coletiva, o indivíduo deve tomar consciência de sua condição histórica, assumir o controle de sua trajetória e conhecer sua capacidade de transformar o mundo.

Uma transformação que se inicia no próprio sujeito e consequentemente no espaço que ocupa e ao seu entorno, na medida em que segue neste caminho de formatação da trajetória impactando o mundo.

A revisão bibliográfica constitui-se em elemento integrante do artigo, no qual consta um panorama dos estudos até então produzidos sobre o tema de investigação.

### **3. A Educação como Mecanismo de Exclusão**

Posteriormente, mesmo com o acesso permitido, a permanência era dificultada. Vivíamos em um tempo em que estudar era um luxo, e entre estudar ou trabalhar, prevalecia o que colocava o pão na mesa. Em virtude desses fatores, como reflexo, vemos ainda hoje a ausência da população negra em espaços de destaque e de representação.

[...] "a exclusão educacional da população negra está enraizada em um processo histórico de negação de direitos, que ainda reverbera nas desigualdades raciais atuais, especialmente no acesso, permanência e sucesso escolar". (GOMES 2017, p.25)

A representatividade fez falta e ainda faz, pois muitos deles lutam e precisam vencer barreiras para chegar, enfrentam obstáculos visíveis e invisíveis, poderosos ou superficiais, e quando ultrapassam, passam a ser vistos como anormais, quando na verdade isso teria que ser algo natural.

Silvio Luis de Almeida, (2019) em seu livro "Racismo Estrutural", discorre sobre algo que não é de hoje e que está bem elaborado, engendrado, entranhado massivamente em diversos aspectos, tanto político quanto econômico, social e até mesmo cultural, que dialoga com Louis Pierre Althusser (1980), a escola como um "Aparelho ideológico", o aluno controlado e não emancipado, de um lado a burguesia de outro o proletariado a dominação de classe, em consonância a isso a casa grande e a senzala o não escravo e o não senhor como representados ainda na sociedade.

Por outro lado, se a escola é um instrumento branco de colocar o negro no seu lugar, na sua senzala, podemos pensar em um outro lado, ao analisar o papel da educação na reafirmação da identidade negra assim como a diversidade, pois que compreendida em seu potencial de transformação, pode ser celebrada e integrada na educação como um mecanismo de resistência ao racismo estrutural. É possível colocar a Escola no reverso ideológico, ou melhor, como diria Gramsci (1991), como contra hegemônica, depende do papel que o professor assume, depende do lado que escolhe.

Muito bem tratou sobre isso Franz Fanon no seu livro, *Pele Negra Máscaras Brancas*, (2008b) ao analisar os efeitos psicológicos do racismo e as narrativas impostas às populações negras. Ele argumenta que as histórias contadas pelo colonialismo reforçaram uma visão de inferioridade dos negros, desconsiderando suas contribuições históricas e culturais. O negro colonizado não quer ser liberto, quer ser um branco, ou ainda, um branco colonizador.

A história que foi contada durante um bom tempo a nós, foi contada sob a perspectiva eurocêntrica, omitindo-a e contando esta história sem considerar os resultados e impactos às pessoas que se identificam com seus pares nessa narrativa unilateral. Franz Fanon destaca que "a história do colonizado é deliberadamente ocultada ou reinterpretada para reforçar a dominação do colonizador" (FANON, 2008, p. 89).

Lélia Gonzalez: "O discurso histórico predominante no Brasil foi construído para reforçar as hierarquias raciais e culturais herdadas do colonialismo." (GONZÁLEZ, 2020, p. 106). Iniciamos pela própria abolição, que, por muito tempo, foi relatado pela história oficial pela concessão de uma branca, uma ativa, sobre os pobres negros escravizados, sobre aqueles a quem cabe somente sofrer a ação, ignorando a história como processo que inclui, no caso os diversos movimentos de resistência como os quilombos.

Nessa questão, trazemos uma reflexão a partir de leituras e da própria vivência, pois dentro de uma perspectiva de análise de alguns teóricos, duas leituras são propícias. "A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura da palavra não possa prescindir da continuidade da leitura do mundo." (FREIRE, 1982, p.9).

Compreender o conceito de representação social, a sua função em nível do social e seu histórico, bem como "por que" ela é produzida, é importante para a interpretação das transformações da representação social do negro, bem como dos determinantes dessa transformação. (SILVA,2011)

Em, "A Representação Social do Negro no Livro Didático", Ana Célia Silva Silva (2011) afirma: "tanto os aspectos da representação como seu impacto, confirmando indubitavelmente o impacto e os efeitos que pode causar na reafirmação da identidade do povo negro.

Silva apresenta os livros analisados em questão à representação social do negro nos textos e ilustrações, pois que, segundo Silva (2011), a representação social é uma preparação para ação, ela não é somente na medida em que guia o comportamento, mas sobretudo na medida em que remodela e reconstitui os elementos do meio ambiente em que o comportamento teve lugar; O conceito de representação diz que, apesar das representações sociais constituírem-se em entidades quase tangíveis, que se cruzam e se cristalizam através da fala, do gesto, do nosso universo cotidiano, existe uma dificuldade de apreensão do seu conceito, devido à sua posição "mista" na encruzilhada de uma série de conceitos sociológicos e psicológicos, referindo-se, talvez, às divergências de tratamento do seu objeto nos Estados Unidos e na Europa. No entanto, ele enuncia na sua obra diversos conceitos quando define suas características e funções; ao dizer, por exemplo, que nos aproximamos da noção de representação,

[...] quando precisamos sua natureza de processo psíquico capaz de tornar familiar, situar e tornar presente em nosso universo interior o que se encontra a uma certa distância de nós, o que está de certo modo ausente Silva, (2011, p 26)

A representação social desempenha um papel fundamental no tocante a transmissão de conhecimento bem como na construção de significados, pelo fato de que nem tudo pode ser apreendido por meio da experiência individual, entretanto, essa representação pode ser distorcida por estereótipos e preconceitos, como ocorreu na representação social do negro, considerando que nos livros da década de 1980, onde a imagem construída reforçava o afastamento e a exclusão.

Em resumo todos os livros pesquisados apresentavam em suas páginas imagens estereotipadas das pessoas negras, a maioria das figuras em destaque eram as figuras que retratavam as pessoas brancas, as condições das pessoas negras eram na maioria das vezes em papel de subalternidade e pobreza, desleixo, quando em contraste as figuras de pessoas brancas sempre em posições superiores, ocupando a maior quantidade de páginas.

Na vida social somos a representação de outra pessoa, tendo em vista que as vezes as pessoas olham para um filho e lhe atribui semelhança tal qual a representação de seu pai, assim os filhos de ricos ou de pessoas importantes e famosas, através do que seus pais representam, no mesmo sentido da representação do negro devido a forma que ele sempre foi apresentado e representado, quase sempre ao serem avistados, estereotipados e alvo de preconceitos, podem virem a ser para quem os vê aquilo que lhes foi atribuído em consequência.

### 3.1 Atualização da Concepção de Diversidade

De acordo com a Lei nº 10.639/03 (BRASIL, 2003), tornou-se obrigatória a inclusão da história e cultura afro-brasileira no currículo escolar, visando promover a valorização da população negra e combater o racismo. Isso representa um importante avanço, "(alterada para 11.645/2008) que tornou obrigatório o ensino da História da África dos afro-brasileiros e a inclusão do dia 20 de novembro no calendário das escolas da rede pública e privada de todo o país. Com essas mudanças na grade curricular oportunizou-se um aumento na contribuição das mulheres e dos homens negros nas áreas sociais, política e cultural para a formação da sociedade Brasileira" (A História da população negra no Brasil: Recuperação e Preservação, 2012)

Porém, essa iniciativa ainda enfrenta resistências tanto na sociedade quanto dentro do próprio sistema educacional, o que requer uma atualização constante pela maneira como a diversidade racial é tratada e compreendida nas escolas. Atualizar-se no contexto educacional implica buscar formas de ensino e aprendizagem que respeitem a diversidade e representem melhor a sociedade brasileira, considerando a pluralidade social presente nas práticas pedagógicas

### 3.2 Diferentes Compreensões da Figura do Indivíduo Negro

A figura do negro, tanto dentro da comunidade negra quanto na sociedade em geral, passou por diversas interpretações ao longo da história. Essas diferentes compreensões não só moldaram a percepção social do negro, mas também influenciaram a reafirmação de sua identidade.

#### a) A Reafirmação da Identidade Negra

Com o movimento negro, especialmente após a década de 1960, houve uma crescente busca por reafirmar a identidade negra. Autores e líderes como Lélia Gonzalez, Conceição Evaristo e Carlos Marighella se destacaram por suas críticas à marginalização dos negros e pela construção de uma nova narrativa, que propunha um negro empoderado, atuante na sociedade e na construção de sua própria história.

"A questão racial no Brasil, ao contrário do que se diz, não é uma questão de preconceito, mas de racismo mesmo. É um racismo que se manifesta de forma perversa, na medida em que não se assume enquanto tal." (Por um feminismo Afro-latino-americano. 2020 p. 106)

Essa nova abordagem não só desafia os estereótipos negativos criados ao longo da história, mas também busca promover uma educação que reconheça o negro como um sujeito ativo e fundamental na formação da sociedade. A atualização da negritude é um movimento de adaptação e superação das limitações impostas pelo racismo estrutural e histórico, processo pelo qual os negros buscam reafirmar sua identidade e buscar espaços de visibilidade e igualdade.

#### b) Diferentes Perfis do Negro ao Longo da História

Diversas interpretações históricas apontam que, diante da opressão, a população negra desenvolveu diferentes perfis de resistência e

adaptação.

Esses perfis podem ser compreendidos em categorias como o negro resistente, aquele que se opôs ativamente ao sistema escravista; o negro mártir, que perdeu a vida na luta pela liberdade, tornando-se símbolo de resistência; o negro conformado, que aceitou a posição de subalternidade em busca da sobrevivência; o negro independente, que buscava sua ascensão individual sem necessariamente engajar-se na luta coletiva; e o negro indiferente, que se adaptava à ordem social vigente sem questioná-la.

Essas categorias, embora baseadas em análises históricas, refletem estratégias diversas de enfrentamento da opressão.

No contexto contemporâneo, Silvio Almeida (2019) propõe uma tipologia que evidencia as reações da população negra frente ao racismo estrutural. Segundo o autor, as posturas podem ser classificadas como inconformismo, independência, indiferença e resignação.

O negro inconformado resiste e busca a transformação social; o independente constrói alternativas fora das estruturas racistas; o indiferente adota uma postura de distanciamento; e o resignado, por sua vez, tende a aceitar, consciente ou inconscientemente, a posição de subalternidade. Para Almeida (2019), essas respostas são condicionadas pelas condições históricas e sociais e refletem as diversas estratégias de sobrevivência em uma sociedade que naturaliza a exclusão racial.

Atualmente, os perfis de negros ainda estão presentes na sociedade brasileira. Existem os militantes da causa, os indiferentes, os conformados, os inconformados e os independentes. Cada um desses perfis tem sua relevância no movimento negro e na luta por justiça social e igualdade.

#### **4. A discussão do tema: A Atualização da Consciência e a Educação Antirracista**

A atualização da consciência é um processo contínuo e necessário, a educação tem um papel central nesse processo, principalmente na construção de uma visão mais inclusiva e antirracista.

"A conscientização não é um processo individual, mas é um processo coletivo. A transformação do mundo começa pela transformação do sujeito, mas não sem a participação ativa na transformação do contexto em que ele está inserido."(FREIRE, 1970, p. 57)

O conceito de educação antirracista envolve a promoção de um ensino que reconheça as contribuições culturais e históricas dos negros e combata os estereótipos e a discriminação racial.

##### **4.1 Desafios na Implementação da Educação Antirracista**

Apesar dos avanços legislativos e das políticas públicas de inclusão, a implementação da educação antirracista ainda enfrenta grandes desafios.

O racismo estrutural, muitas vezes invisível, está presente nas práticas pedagógicas, nos currículos e até mesmo na formação dos

educadores. É fundamental que os educadores se preparem para lidar com as questões raciais de maneira eficaz, e que as escolas se tornem espaços seguros e inclusivos para todos os estudantes.

#### **4.2 Caminhos para uma Educação Transformadora**

Para que a identidade negra seja reafirmada de forma digna, a educação deve ser entendida como um processo transformador. A educação antirracista precisa ir além de um simples conteúdo curricular, ela deve ser uma prática cotidiana que envolva toda a comunidade escolar, professores, alunos e famílias.

A atualização da negritude envolve a adaptação das práticas educativas para que possam refletir as realidades e necessidades da população negra. Isso implica não só a reestruturação curricular, mas também a implementação de políticas públicas que assegurem a presença do negro em espaços de poder e liderança.

#### **5. Considerações finais**

A diferença, longe de ser um fardo ou uma desvantagem, é o que pode transformar a sociedade, agregando valor e complexidade ao que já é. Na educação, é fundamental reconhecer a diversidade como algo que enriquece o conhecimento e fortalece a identidade dos indivíduos. A valorização da identidade negra, em suas múltiplas formas, é parte fundamental de uma construção social que respeita e celebra as diferenças, sendo a base para um mundo mais justo e equitativo.

Afinal, se a diferença pode fazer coisas e dar mais brilho ao que já existe, ela pode, sem dúvida, iluminar o caminho para um futuro em que as identidades negras sejam não apenas reconhecidas, mas também celebradas como parte integral da história e da cultura de todos. A reafirmação da identidade negra por meio da educação depende de práticas que valorizem a diversidade e promovam a inclusão. Este trabalho aponta que a educação antirracista não é apenas um meio de corrigir injustiças, mas também uma forma de transformar estruturas sociais e celebrar a riqueza cultural da população negra.

As conclusões deste estudo reforçam a importância de políticas públicas que garantam a efetiva aplicação da Lei 10.639/03, bem como a necessidade de se ampliar o debate sobre racismo e diversidade no ambiente escolar.

A educação tem o poder de mudar percepções e construir uma sociedade mais equitativa, desde que seja tratada como prioridade por

todos os agentes envolvidos no processo educativo. Uma recomendação final é a criação de redes de apoio entre escolas, pesquisadores e organizações não governamentais para compartilhar boas práticas e recursos pedagógicos voltados à educação antirracista.

- ALMEIDA, Silvio Luiz de. *Racismo estrutural*. São Paulo: Pólen, 2019.
- ALTHUSSER, Louis. *Ideologia e aparelhos ideológicos de Estado*. 3. ed. Tradução de Joaquim José de Moura Ramos. Lisboa: Editorial Presença, 1980.
- BOURDIEU, Pierre. *A distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo: Editora da UNESP, 2007.
- BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. *A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.
- FANON, Frantz. *Os condenados da Terra*. São Paulo: Zahar, 2008.
- FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008.
- FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008b.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 50. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- GONZÁLEZ, Lélia. Ação afirmativa: o movimento negro e o papel da educação. *Revista Brasileira de Educação*, v. 23, 2018.
- GONZÁLEZ, Lélia. *Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.
- GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. 8. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.
- HERNANDES, José. *Pedagogia e emancipação: contribuições à formação do educador*. São Paulo: Cortez, 2005.
- RIBEIRO, Djamila. *O lugar de fala*. 1. ed. São Paulo: Alteridade, 2017.
- SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico*. 2. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.
- SILVA, Ana Célia. *A representação social do negro no livro didático*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.